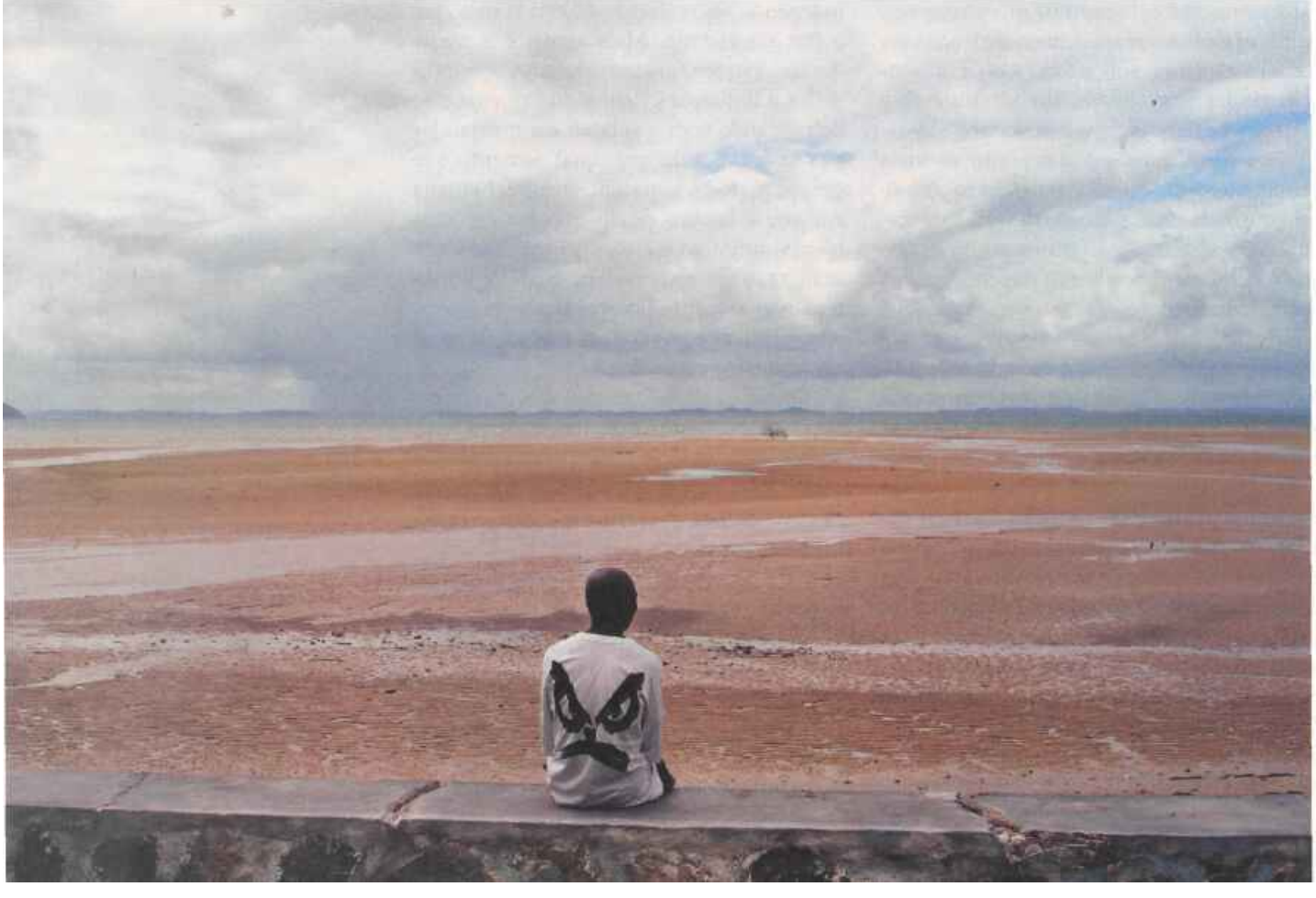
A hora e a vez da juventude?

Ao mesmo tempo que dirige à juventude suas estratégias de expansão e desenvolvimento, o capitalismo flexível reduz de forma brutal o acesso dela à sociedade organizada

Arnaldo José França Mazzei Nogueira

"Os indicadores do subemprego e do desemprego no Brasil estão concentrados na juventude de 15 a 29 anos"

É entre os jovens de 15 a 29 anos que se encontram os indicadores mais elevados de subemprego e desemprego no Brasil. Não bastasse isso, os dados da Pesquisa Nacional de Amostragem Domiciliar (Pnad) de 2007 confirmaram que o maior problema da educação no país está no baixo índice de conclusão do ensino médio, que atinge diretamente jovens entre 15 e 17 anos. Dados preocupantes justamente por atingirem essa faixa de transição: do jovem adolescente para a juventude e desta para a fase adulta. Tudo isso lança o jovem no meio da questão social



© Ana Taletica. Reprodução

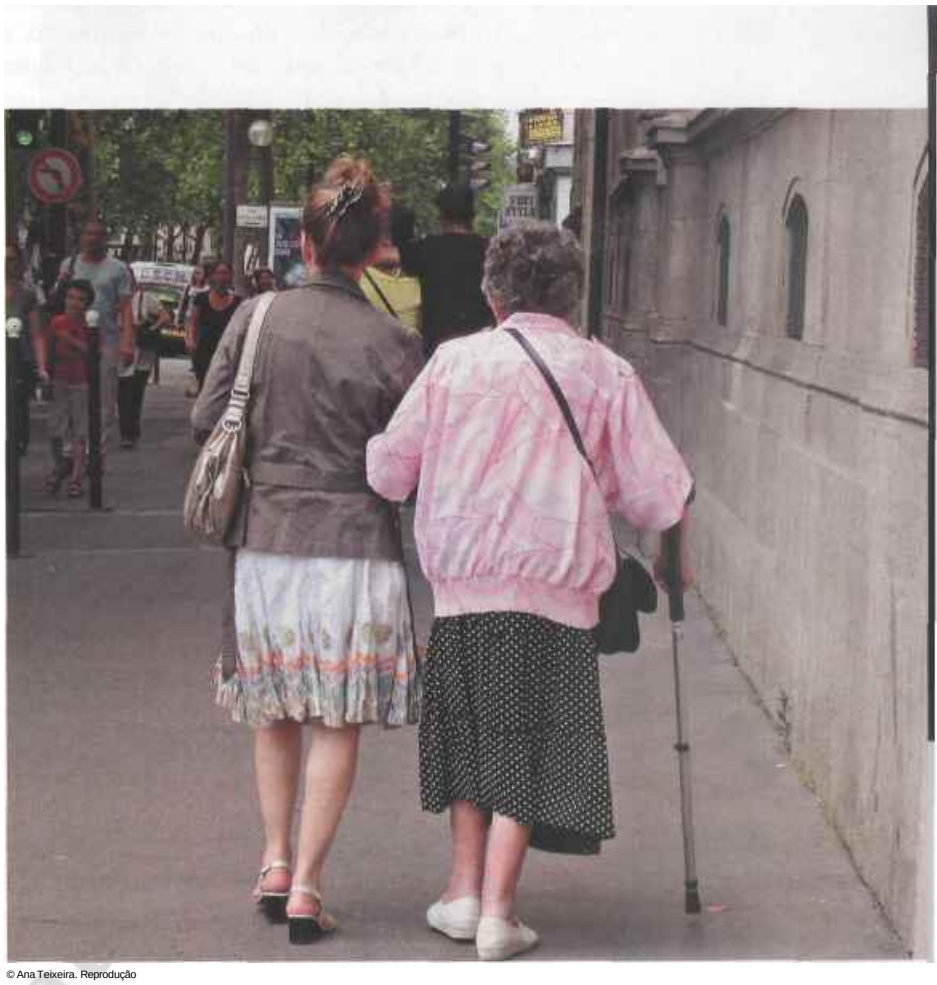
exclusiva para fins educacionais

e do trabalho no Brasil, em um momento em que a inserção brasileira na economia global é dominada pelo chamado capitalismo flexível, que gestou uma nova sociedade baseada na informação, no conhecimento e em uma cultura individualizante que multiplica o desafio da inserção social das juventudes.

A hora e a vez da juventude?

As condições da sociedade atual resultaram de um conjunto de transformações econômicas, tecnológicas, políticas, sociais e culturais que alteraram o padrão anterior, conhecido como padrão fordista ou capitalismo organizado ou Estado do Bem-Estar Social. Fala-se também na crise da modernidade ou na ascensão da Era Pós-Moderna ou da Era da Informação. Por um caminho ou outro, não há dúvida de que emerge uma nova sociedade com a afirmação da acumulação flexível do capital com base em novos processos organizacionais e nas novas tecnologias da informação. Sua marca é a capacidade de alterar as relações sociais em geral, as relações de produção e trabalho, as formas políticas, o consumo e os estilos de vida.

O outro tema em questão é a própria noção de juventude, ou melhor, juventudes. A juventude como fenômeno sociológico, em primeiro lugar, foi comprendida como a fase problemática da vida, atribuída à ação de desordem social, risco e drogadição; ou como a fase preparatória da vida adulta, através de uma seqüência de ações desde a escola, o mercado de trabalho, ao casamento; enfim, um processo normal de socialização. Essas noções enfatizavam, na tradição do funcionalismo positivista, a necessária intervenção do exterior, ora de ajuste e repressão à atuação desordenada, ora pela socialização mediante a pressão familiar, escolar e da sociedade. Ainda sob esse prisma, atribui-se ao jovem a condição de estudante e sujeito livre de obrigações sociais e profissionais, como se vivesse, por um tempo, uma moratória social. Além desses aspectos, as novas gerações expressam a diversidade social e cultural, com múltiplas afirmações e identidades de acordo com o espaço urbano ou rural, grupo social, forma de trabalho e estrutura de classes da sociedade. Por isso, o correto é falar em juventudes para não correr o risco das generalizações.



© Ana Teixeira. Reprodução

"Teremos no futuro uma sociedade mais velha convivendo com a nova sociedade do capital flexível"

Na nova sociedade, cuja formação se dá na crise capitalista dos anos 1970, a juventude conhece uma expansão demográfica quantitativa e uma alteração qualitativa no seu papel. Isto porque o jovem passa a desempenhar um papel estratégico no desenvolvimento e passa a ser requisitado a exercer um certo protagonismo. A diferença das gerações entre a juventude alongada, suas experiências sociais e de trabalho, e os adultos diz muito sobre essa nova sociedade ou mundo social redefinido.

Há um paradoxo nessa nova sociedade do capital flexível, gestada durante o século 20 dos extremos. É, sobretudo, uma sociedade que enfatiza o desempenho, a performance e o sucesso individual como medidas encontradas no modo jovem de ser, ágil, flexível e dinâmico de vida, mas, ao mesmo tempo, torna esse segmento juvenil muito mais vulnerável socialmente, tanto pela exclusão educacional, pela necessidade antecipada do ingresso no mercado de trabalho, geralmente precário e sem qualificação, e pela proximidade de

viver em uma fronteira de risco, violência e experiências de todo tipo. De outro lado, a juventude oriunda das classes sociais mais favorecidas, como também no mundo mais desenvolvido, tende a um alongamento no tempo da moratória social, até os 29 anos de idade ou mais, criando um perfil psicossocial indefinido entre a juventude e a fase adulta.

Essa é uma das características sociais dos novos tempos: a extensão da fase da juventude e o aumento da expectativa de vida em geral. Teremos no futuro uma sociedade mais velha convivendo com a nova sociedade do capital flexível, que por sua vez, requer um estilo ativo, competitivo e inovador encontrado em parte nas experiências das juventudes aculturadas nesse novo modo de vida.

Porta estreita

As mudanças capitalistas no terreno econômico e tecnológico foram impulsionadas pela terceira revolução industrial, que teve como eixo a introdução da microeletrônica e das tecnologias da informação nos processos produtivos e organizacionais, ocasionando profundas modificações no emprego e no trabalho, que atingem todos os setores da vida social. Combinadas com as alterações culturais e sociais oriundas dos acontecimentos da década de 1960, que, em poucas palavras, remetiam ao questionamento da ordem social e política estabelecidas, às mudanças políticas e ideológicas, principalmente, pela redefinição do papel do Estado em crise, somadas aos episódios do fim da década de 1980, como a queda do muro de Berlim, a nova sociedade passou, contraditória e simultaneamente, a requerer o protagonismo do jovem e a criar grandes dificuldades para esse mesmo jovem e para as futuras gerações.

A microeletrônica foi o eixo central da terceira revolução industrial, hoje em curso, que ocasionou profundas modificações no emprego e no trabalho, atingindo diversos níveis relacionais na sociedade

Neste contexto, parecia que a juventude tinha muito o que fazer: mudar o mundo.

Quando a sociedade se deu conta, o que parecia estar sendo desconstruído com alguma solidez desmanchou-se em um outro processo mais complexo, cujo controle escapava das mãos dos agentes da mudança e apontava para outra direção, ou melhor, para direção nenhuma. A falta de direção é um dos problemas essenciais da era do capital flexível, que alterou o modo de produzir, o modo de trabalhar e o modo cultural marcados pela volatilidade, pela insegurança, flexibilidade e fragmentação. Para as gerações nascidas entre os anos 1960 e 70, as condições eram outras, a ordem da reestruturação e da mudança era a regra para a conduta social dos agentes. Para as gerações seguintes, nascidas nos 1980 e 90, a competitividade e a flexibilidade geraram um sentimento de perplexidade, uma crise de identidade e pertencimento. Todos são mais vulneráveis e podem a qualquer momento ficar à deriva.

Segundo Richard Sennett, o capitalismo flexível é mais uma variação sobre um velho tema. Enfatiza-se a flexibilidade, atacam-se as formas rígidas de burocracia e os males da rotina cega, e pede-se aos trabalhadores que sejam ágeis, estejam abertos a mudanças a curto prazo, assumam riscos continuamente, dependam cada vez menos de leis e procedimentos formais. O capitalismo flexível bloqueou a estrada reta da carreira, desviando de repente os empregados de um tipo de trabalho para outro. Com isso, é bastante natural que a flexibilidade cause ansiedade: as pessoas não sabem que riscos serão compensados, que caminhos seguir.

Pode-se dizer que o capitalismo flexível é contraditoriamente juvenil, ou melhor, está dirigido para a juventude que, apenas em tese, teria melhores condições de adotá-lo como ética de vida.

É óbvio que nada é absoluto, tanto que a crise que assedia atualmente o mundo do capital global flexível de algum modo estava desenhada no próprio processo e pode abrir novas perspectivas restauradoras e transformadoras. Isso depende da mobilização social e política no encaminhamento das questões sociais e públicas que podem ou não favorecer a perspectiva futura da juventude.

A juventude, neste contexto, vive um outro dilema: ou permaneee nesse mundo flexível e ajuda a mantê-lo, ou opõe alguma resistência a ele. Mas essa opção tem *de* levar em conta um outro problema da era atual: a porta de entrada para o mundo organizado reduziu o seu tamanho brutalmente e a grande maioria nem chega perto dela. Depois de bater o pé pra lá e pra cá, perambulando por experiências sociais e de trabalho, parte sig-

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais

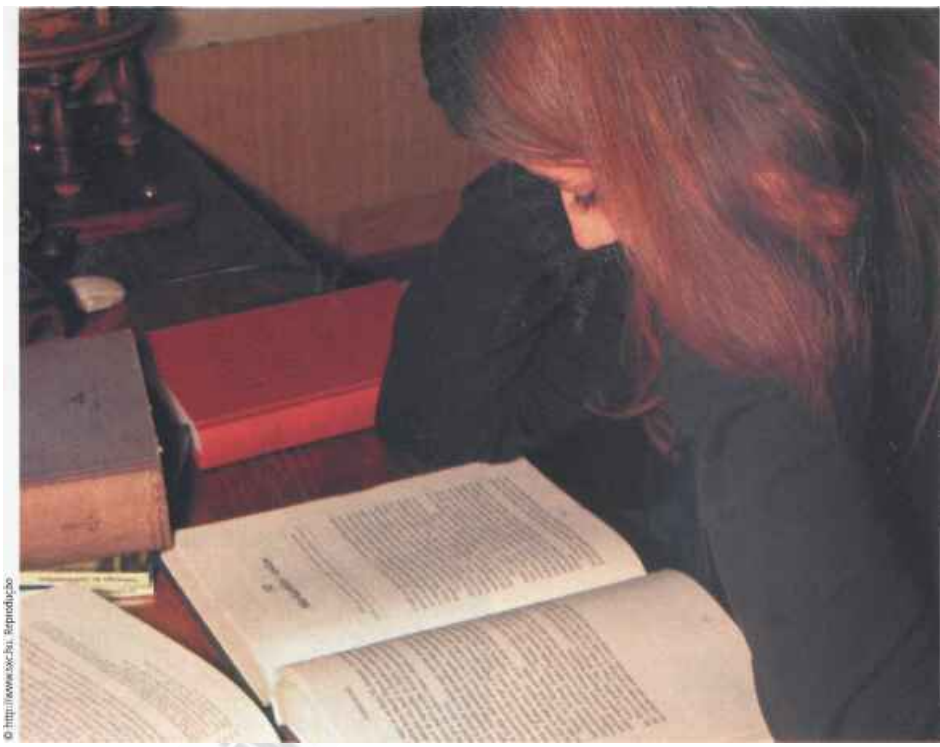
nificativa da juventude não consegue superar a precariedade. Assim, na era do capitalismo flexível ou na condição pós-moderna, com toda a polêmica que esse termo encerra, o acesso é restritivo e não possibilita a inserção social para todos os jovens, principalmente àqueles que vivem nos pólos menos favorecidos. Portanto, são poucos os jovens que conseguem passar por aquela porta e encontrar condições favoráveis para o seu desenvolvimento pessoal e profissional. Isso tem a ver diretamente com a nova configuração do mundo do trabalho, como será visto a seguir.

Por trás das aparências

Mas hoje há quem considere positiva a nova dinâmica. Nela, o domínio do conhecimento passou a ser a principal riqueza perante a terra, o trabalho e o capital; além de se valorizar as organizações baseadas na informação, a flexibilidade, a individualização e a liberdade de iniciativa. O trabalhador do conhecimento dotado da capacidade de gerenciar a si mesmo é o eixo do sucesso nesse mundo. É o discurso dominante, quer dizer, da classe dominante que contamina a todos, principalmente os jovens que crescem na onda competitiva das novas tecnologias e que estão ávidos para ocupar as novas posições verticais de poder nas organizações e horizontais nas redes (de relacionamento e de negócios) virtuais e sem fim.

No campo do pensamento social crítico, a sociedade é na essência capitalista e cada vez mais flexível. Movida por um núcleo sistêmico dominado pelo capital com forte influência das novas tecnologias e dos novos valores, como um rolo compressor cria e destrói processos, organizações, pessoas e trabalho. Afirma o mundo da mercadoria, o trabalho abstrato reduzido à esfera do emprego e do negócio, e o sucesso individual acima de tudo e de todos. E mais: esse movimento ocorre sem capacidade efetiva de regulação externa, quer dizer, social, coletiva e política. Pouca solidariedade é o que caracteriza esse mundo, cujos processos coletivos, sindicais e políticos encontram-se em crise.

O capitalismo flexível coloca em primeiro plano a financeirização das organizações e das economias, criando uma dependência enorme dos indivíduos em relação ao crédito. Sua estabilidade depende dos reparos temporais e espaciais e da diversidade de sistemas de controle do trabalho, ao lado de novos produtos e padrões na divisão internacional do trabalho. A acumulação flexível é uma combinação particular nova de elementos primordialmente antigos do modo de produção capitalista e sua legitimidade está na mudança permanente da experiência do tempo e do espaço e nas práticas culturais e nos discursos filosóficos pós-modernistas. Aparentemente, os jovens em comparação aos mais velhos dar-se-iam melhor nessa sociedade. É, mas é só aparência.



"O trabalhador do conhecimento dotado da capacidade de gerenciar a si mesmo é o eixo do sucesso nesse mundo"

A juventude brasileira: um pouco de história

A sociedade brasileira, que constituiu o capitalismo de uma forma tardia e subordinada ao campo internacional, teve forte modernização entre os anos 1950 e 70, quando sobreveio uma crise econômica em plena ditadura militar e que durou quase quinze anos. A juventude nessa época tinha o que fazer: lutar contra a ditadura militar, contra o arrocho salarial e a carestia, além de lutar para restabelecersa democracia, Parte da juventude estudantil, de classe média em sua maioria, radicalizou: encampou a luta revolucionária e conheceu a repressão, as prisões, a tortura e a morte. Foram Os Anos de Chumbo. Nesse período, a juventude participava da política, dos movimentos sociais, culturais e sindicais, injetando sangue novo nesses movimentos e trazendo ares de mudança. Nas Diretas Já,

em 1984, quem participou deve lembrar da relevante mobilização da juventude que, somada aos outros segmentos sociais, pressionava pela democratização da sociedade.

Na década de 1990, com a abertura de mercado, o'Brasil intensificava sua inserção no capitalismo global, competitivo e flexível. As eleições diretas para presidente promoveram uma maior mobilização política. Com a eleição de Fernando Collor de Melo, o neoliberalismo passa a ser política e ideologia de um governo que, além do saque à poupança popular, agia fora de qualquer marco ético e responsável. Mas o programa político e econômico propugnava a competitividade, a qualidade, a produtividade e a inserção do Brasil no jogo do capital internacional. Era um governo com pinta de jovem e uma equipe de jovens principalmente na área econômica. Deu no que deu. E conseguiu produzir um dos últimos movimentos importantes dos quais as juventudes tiveram participação efetiva: a mobilização dos caras-pintadas a favor do *impeachmetlk* do aventureiro das Alagoas.

A forma tardia e subordinada com que o Brasil ingressou na modernidade deixou para trás tarefas essenciais que poderiam ter reduzido nossas profundas desigualdades sociais e culturais

Não foi por acaso que o declínio do movimento das juventudes, bem como dos demais movimentos sociais e sindicais, coincidiu exatamente com a inserção brasileira no capitalismo competitivo, flexível e globalizado. Quem completou a obra foi o governo Fernando Henrique Cardoso, que colocou o Estado a serviço do programa neoliberal. O mundo do trabalho nesse período conheceu suas maiores dificuldades não apenas pela flexibilização do trabalho e da legislação trabalhista, mas também pela expansão do desemprego e do subemprego, que atinge fortemente o segmento da juventude.

A forma tardia e subordinada com que o Brasil ingressou na modernidade foi deixando para trás tarefas essenciais que poderiam ter reduzido as profundas desigualdades sociais e culturais. Com isso, imagine-se o tamanhcf da lacuna nessa nova transição para a era flexível e da informação.

Assim, a juventude no Brasil de hoje tem muito mais dificuldade em inserir-se socialmente, de acordo, claro, com a posição social, origem cultural e inserção na estrutura de classes que ocupa. Quanto maior é a desigualdade social, mais desigual será a juventude no que diz respeito à renda, às condições de vida e ao consumo dos bens culturais e sociais. No mundo de hoje, essas posições são determinadas fundamentalmente pela formação educacional, escolaridade e ingresso no mercado de trabalho.

Educação e mercado de trabalho

De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), a juventude ocupa a faixa etária dos 15 aos 24 anos. No Brasil, a idade mínima para a participação legal no mercado de trabalho é 16 anos. É exatamente nessa fase da vida humana que se completam os estudos escolares e se inicia a vida profissional. A experiência vivenciada nessa fase condiciona o restante da vida pessoal, profissional e social do indivíduo.

A metodologia para identificar a juventude tem mudado nos últimos tempos. Fala-se emjovem-adolescente dos 15 aos 17 anos; do jovem-jovem dos 18 aos 24 anos; e do jovem adulto de 25 aos 29 anos. A explicação para a ampliação da faixa de idade é bastante importante: primeiro, devido ao aumento da expectativa de vida em geral e, segundo, à maior dificuldade desse segmento em ingressar no novo mundo do trabalho e obter autonomia e assumir responsabilidades. Não se trata de uma singularidade brasileira, mas de uma tendência geral dos países que buscam formular políticas públicas para a juventude.

Na geração atual é muito comum os jovens permanecerem na casa dos pais até os 29 anos ou mais. Na geração deste escriba, a fase adulta e autônoma começava muito mais cedo e, com essa idade, a maioria estava fora da casa dos pais, constituindo ou não família, e estava relativamente consolidada em uma carreira profissional.

Alguns números poderão ajudar a perceber a magnitude e a relevância desse assunto hoje em dia. Pelos dados'da Pnad 2007, o Brasil tinha 50,2 milhões de jovens de 15 a 29 anos ou 26,4% da população. Esse número já é menor que o dos anos anteriores e há uma tendência a declinar mais no futuro próximo. O que mostra que a sociedade brasileira terá no futuro menos jovens que hoje.

Enquanto 94,8% freqüentavam o ensino fundamental, menos da metade dos jovens

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais

"O fato que chama à atenção é que a juventude brasileira em sua maioria está mais trabalhando que estudando"

http://www.sxc.hu, Reprodução

de 15 a 17 anos (48%) permanece no ensino médio. Uma grande parte (44%) não concluiu o ensino fundamental. De 18 a 24 anos, 31% freqüentam escola e apenas 13% freqüentam o ensino superior.

Aqui o dado é contundente e revela a pirâmide social e educacional da desigualdade. Quanto mais anos de estudo, menos pessoas. A maioria dos jovens não continua os estudos depois de concluído o ensino fundamental, além de uma alta taxa de não conclusão dessa faixa. O acesso do jovem ao ensino superior é bastante limitado.

Sobre a juventude no mercado de trabalho, o quadro é o seguinte: a taxa de desemprego juvenil (14%) é quase três vezes maior que a do adulto (4,4%). Do total de desempregados no Brasil, 63% estão na faixa de 15 a 29 anos, divididos nos subgrupos da seguinte maneira: 16 a 17 anos (9,4%); 18 a 24 anos (35,6%) e 25 a 29 anos (16,3%). No quesito qualidade da ocupação, os jovens com carteira de trabalho assinada atingem 43,9% do grupo de 18 a 24 anos e 46,7% do grupo de 25 a 29 anos.

Aparentemente, a juventude em geral é mais vulnerável para a situação do desemprego principalmente na faixa dos 18 aos 24 anos.

Outro dado interessante é a condição da atividade por faixa etária e sexo da juventude. Há quatro classificações: só trabalha; trabalha e estuda; só estuda; não trabalha e não estuda. Os homens jovens de 18 a 24 anos apresentam o seguinte quadro: 56,3% só trabalham; 17,5% trabalham *e* estudam; 12,1% só estudam e 13,9% não estudam nem trabalham. As mulheres jovens de 18 a 25 anos: 36,3% só trabalham; 14,9% trabalham e estudam; 16,5% só estudam e 32,1% não estudam nem trabalham.

Chama a atenção que na faixa de 18 a 24 anos, importante como fase preparatória da vida adulta e também da formação diferenciada dos jovens (homens e mulheres), conquistada pelo ingresso no ensino superior, 56,3% dos homens jovens e 36,3% das mulheres jovens só trabalham; enquanto 13,9% dos homens e 32,1% das mulheres não estudam e não trabalham, estatísticas que registram o desalento que atinge o segmento da juventude.

Apenas 12,1% dos homens jovens e 16,5% das mulheres jovens só estudam, o que pode

"Dos jovens brasileiros, 47% são brancos e 52% não brancos. O analfabetismo entre os jovens negros é mais do que o dobro do que nos brancos"

indicar uma condição social mais favorável ao estudo para apenas uma minoria.

A porcentagem dos jovens que estudam e trabalham (17,5% para os homens e 14,9% para as mulheres) indica que uma parte significativa tende a acumular as duas atividades, o que pode prejudicar a dedicação aos estudos e não modificar ao longo do tempo a situação de trabalho precário.

O fato que chama a atenção é que a juventude brasileira em sua maioria está mais trabalhando que estudando, em uma fase da vida que deveria estar mais estudando que trabalhando.

Dos 25 aos 29 anos, 78,6% dos homens jovens e 53,7% das mulheres jovens só trabalham. Chama a atenção, no entanto, a alta porcentagem de mulheres jovens nessa faixa de idade que não estuda e não trabalha, 32,8%; enquanto para os homens é de apenas 10,3%,

Na qualidade da ocupação, a porcentagem do emprego sem carteira assinada (29,5% de 18 a 24 anos e 27,9% de 25 a 29 anos) mais a porcentagem do emprego por conta própria (9,6% e 14,7%), emprego doméstico (5,9% e 6,6%) e atividade não remunerada (7% e 3,7%) é quase igual ou ultrapassa o emprego com carteira assinada nas duas faixas de idade (43,9% de 18 a 24 anos e 46,7% de 25 a 29 anos). Aqui, as situações de maior precariedade no trabalho, com pouca proteção e poucos benefícios, são exatamente as ocupações sem carteira de trabalho assinada ou emprego por conta própria e doméstico. Os jovens engrossam essas fileiras do emprego vulnerável e sem direitos nas duas faixas de idade jovem-jovem e jovem-adulto, diminuindo razoavelmente a atividade não remunerada de uma faixa a outra.

Condição social da juventude

O problema educacional da juventude salta aos olhos quando se vê que dos 94% dos jovens que freqüentam o ensino fundamental 44% não o concluem, apenas 48% conseguem terminar o ensino médio, e um número muito menor, de no máximo 13%, atinge o nível superior. Os jovens abandonam a escola para trabalhar com carteira assinada e sem carteira ou ficam desamparados, engrossando as fileiras da informalidade, das redes subterrâneas de violência e delinqüência, da precariedade, do subemprego e do desemprego.

Considerando que a escolaridade é um requisito fundamental não apenas para compreender a realidade e intervir na sociedade, e que ha era do Capital flexível, o conhecimento é condição para o acesso às condições sociais e de trabalho mais favoráveis ao bem-estar social, o quadro é bastante grave em termos de perspectiva futura para a juventude. Isso mostra o grau de vulnerabilidade social em que vive parte significativa da população brasileira e que reflete na condição e na perspectiva da juventude.

Para complicar um pouco mais a situação, basta focar a lente nos dados socioeconômicos da juventude com relação à questão de gênero (os dados sobre as mulheres jovens já comentados dizem muito sobre o aumento da desigualdade e da vulnerabilidade em relação aos jovens homens) da raça/cor e zona rural/urbana. Dos jo-

A utilização deste artigo é exclusiva para fins

vens brasileiros, 47% são brancos e 52% são não-brancos. O analfabetismo entre os jovens negros é mais do que o dobro do que entre os brancos. A freqüência líquida no ensino médio é 49,25 maior entre os brancos e no ensino superior chega a três vezes mais que os jovens negros. Nos últimos dez anos, esses dados sobre os jovens negros têm melhorado. Quer dizer que, antes disso, os dados sociais desses jovens eram ainda piores.

Sobre os jovens da zona rural em comparação com os da zona urbana, apesar da maioria absoluta dos jovens viver em zonas urbanas (84%) não se sabe ao certo o que é pior. Isso porque 74% dos jovens urbanos vivem em condições inadequadas de moradia (2 milhões moram em favelas), enquanto esse número sobe para 96,7% para os jovens rurais. O nível de escolaridade dos jovens rurais é 30% inferior ao dos jovens urbanos. E 8% dos jovens na zona rural são analfabetos enquanto 2% na zona urbana.

Dos jovens, 30,4% são pobres com renda domiciliar até /4 salário mínimo; 15,8% vivem em famílias com renda domiciliar superior a 2 salários mínimos. Entre l e 2 salários mínimos, subentende-se que está classificada a maioria dos jovens brasileiros. No Nordeste concentra-se a maioria dos jovens pobres (53,4%) e apenas 35% dos jovens de 15 a 17 anos freqüentam o ensino médio contra 56% no Sul e Sudeste.

O efeito da vulnerabilidade social aumenta dos centros para a periferia, da zona urbana para a rural, do Sul/Sudeste para o Nordeste, dos homens jovens para as mulheres jovens, dos jovens brancos para os não brancos.

Um importante estudo sobre a juventude na América Latina indica que entre os diversos problemas e questões cruciais que continuam a desafiar as políticas de desenvolvimento social na América Latina, seguramente, uma das mais importantes é a da juventude. O expressivo contingente de jovens em relação ao conjunto geral da população, somado ao aumento da violência e da pobreza e ao declínio das oportunidades de trabalho, está deixando a juventude latino-americana sem perspectivas para o futuro, sobretudo o segmento de jovens que está sendo vítima de situações sociais precárias, que vivem aquém das necessidades mínimas para garantir uma participação ativa no proceso de conquista da cidadania.

Fábula antiga: capitalismo e desigualdade

As juventudes no Brasil encontram-se em situação desfavorável para trilhar caminhos promissores de desenvolvimento pessoal, profissional e social. Dependem fortemente de políticas públicas ativas de apoio que levem em conta as suas diferenças, as desigualdades e os efeitos multiplicadores do centro para as periferias, dos jovens brancos para os negros, dos homens jovens para as mulheres jovens.

A acumulação flexível do capital tem uma força desestruturante que joga a favor do mercado e contra a intervenção do Estado e a proteção social. Além disso, cria camadas no mercado de trabalho, a cujo centro de excelência e de flexibilidade positiva só se permite o acesso das juventudes mais aquinhoadas, formadas nas boas escolas de nível superior, cujas redes sociais e institucionais são mais facilmente articuladas.

As juventudes das classes pobres acabam constrangidas a ocupar as periferias do mercado de trabalho, onde imperam o subemprego e o emprego eventual e precário em todas as suas formas

As periferias do mercado de trabalho formadas pelas subcontratações, terceirizações, subemprego, empregos eventuais e temporários além do desemprego e desamparo ficam para as juventudes das classes pobres, cuja escolaridade é irregular, ou interrompida, ou de duvidosa qualidade quando chega ao nível superior.

Em suma, a contradição inscrita nesse novo modo de produzir a vida econômica, social e política revela-se de forma contundente na questão social das juventudes. Ao mesmo tempo que dirige à juventude todas as suas estratégias de expansão e desenvolvimento, reduz de uma forma brutal o seu acesso ao centro qualificado. Ou seja, reafirma as velhas contradições do modo capitalista de produção fundado na divisão social do trabalho e na reprodução das desigualdades.

Ações afirmativas e exclusão em políticas educacionais